



## ASPECTO POLÍTICO E SOCIAL DAS MISSÕES

Maximiliano BESCHOREN

De início, as Missões, conforme sua condição, no aspecto civil e religioso, estavam sob a jurisdição dos governadores e dos bispos de Buenos Aires e do Paraguai. O governador nomeava, em cada povoado, um corregedor, o maior funcionário civil, e para a nomeação dos funcionários subalternos era necessária a sua aprovação.

A Companhia de Jesus fez um contrato com a coroa espanhola de pagar, anualmente, uma quantia determinada, para não mais depender das autoridades civis, bem como conseguir que o provincial, residente em Japejú, recebesse plenos poderes para se tornar seu bispo.

Romperam então todo o relacionamento com as autoridades, causando aos governadores e bispos sérias oposições. Em 1644, expulsaram o bispo do Paraguai, Dom Bernardino de Cardenas, e o governador Antequara, em 1731, pagou com a cabeça sua aversão contra os devotos padres.

Estavam, agora, os jesuítas totalmente independentes. Evitavam toda e qualquer relação e comunicação de seus súditos com estranhos. Cada Redução era completamente isolada e os portões e passagens ocupados por vigias. A única lei dominante era a vontade dos missionários. Castigos comuns eram a oração e jejum. Crimes eram castigados com açoites até a morte.

Os jesuítas haviam introduzido total regime comunitário em seu Império, constituindo-se num benefício aos índios, que por natureza,

não tinham interesse por bens e propriedades. Assim, todos trabalhavam para o todo e, ao mesmo tempo, para si próprio.

Toda a produção pertencia à Redução. Todos recebiam sua parte. O excesso era levado para os mercados, nos navios pertencentes à Companhia e vendidos por conta da Ordem. A considerável renda proveniente das Missões era para a Companhia de Jesus; Calculava-se em média de um milhão de pesos fortes ao ano.

A agricultura e a pecuária eram desenvolvidas. O algodão fornecia o produto para o vestuário dos neófitos. A pecuária e a fabricação da erva-mate davam lucros consideráveis. Grandes somas arrecadadas podiam ser empregadas na decoração das igrejas, nos serviços religiosos, e ainda sobrava uma renda líquida para a Companhia.

Ao amanhecer, a população era acordada e reunia-se na igreja para a oração damanhã, abrilhantada por música e cantos. Depois sob a vigilância, toques de tambor e flauta, seguiam para o trabalho, de onde voltavam à tarde, para a Igreja. Depois da oração em comunidade, eram todos dispensados.

Aos quatro anos de idade, as crianças eram separadas dos pais e, sob fiscalização, tomavam parte nos serviços leves no campo. Entre elas, as mais talentosas eram escolhidas e formadas para o culto religioso e demais ocupações como artífices. Recebiam também ensinamentos de canto, dança, leitura, escrita e aritmética.

Poucos anos depois da fundação das Reduções, os jesuítas solicitaram ao governo da Espanha permissão para o uso de armas de fogo, para melhor defesa dos seus protegidos contra o ataque dos mamelucos, que ainda os importunavam. O pedido foi atendido. Iniciaram-se então aulas regulares para o manejo das armas.

Domingo à tarde, sob o toque de tambor, reuniam-se os mais capazes, no lugar principal do povoado, para a instrução. No término, todas as armas, flechas, arcos, lanças eram guardadas num depósito, especialmente construído para tal finalidade.

Em cada Redução, os aptos no manejo das armas, eram distribuídos nas companhias de infantaria e cavalaria, com os competentes oficiais, organizando-se assim um completo exército.

Por diversas vezes os mamelucos, apesar da distância, ainda atacavam e saqueavam, sendo agora rebatidos, pagando bem caro pela sua ousadia. Finalmente em 1653, o Padre Alfaro conseguiu total vitória sobre eles, sob o comando do mestre-de-campo Manuel de Campos Bicudo.

As guerras foram testemunhas da habilidade e coragem com que os índios lutavam, chegando a colocar em campo um exército de quarenta mil homens e três canhões para lutar contra as coroas de Espanha e Portugal. As provisões e munições de armas eram preparadas na própria Redução, onde havia até uma fundição de canhões.

(“Impressões de viagem na Província do Rio Grande do Sul, pp. 144-145).

